

RETORNOS DO
HOMEM DOS LOBOS

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS

Álvaro Nunes Larangeira – UTP

André Parente – UFRJ

Carla Rodrigues – PUC-Rio

Ciro Marcondes Filho – USP

Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS

Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP

Erick Felinto – UERJ

Francisco Rüdiger – PUCRS

Giovana Scareli – UFSJ

J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM

João Freire Filho – UFRJ

Juremir Machado da Silva – PUCRS

Marcelo Rubin de Lima – UFRGS

Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP

Michel Maffesoli – Paris V

Muniz Sodré – UFRJ

Philippe Joron – Montpellier III

Pierre le Quéau – Grenoble

Renato Janine Ribeiro – USP

Rose de Melo Rocha – ESPM

Sandra Mara Corazza – UFRGS

Sara Viola Rodrigues – UFRGS

Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS

Vicente Molina Neto – UFRGS

RETORNOS DO HOMEM DOS LOBOS

Orgs.
Débora Zaffari Lora
Sander Machado da Silva



Editora Sulina

Copyright © Autores, 2018

Capa: Like Conteúdo (sobre arte de Paula Frizzo)
Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza
Revisão: Aline Lorentz
Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

R438

Retornos do homem dos lobos / organizado por Débora Zaffari Lora e Sander Machado da Silva. -- Porto Alegre: Sulina, 2018.
286 p.

ISBN: 978-85-205-0826-8

1. Psicanálise. 2. Neurose Infantil – Psicanálise. 3. Neurose Obsessiva. 4. Castração – Psicanálise. 5. Freud - Sistemas Psicanalíticos. 6. Sedução - Psicanálise. I. Lora, Débora Zaffari. II. Silva, Sander Machado da.

CDU: 616.891.4
CDD: 150.1952

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.
Av. Osvaldo Aranha, 440, cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS
Fone: (0xx51) 3311.4082
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Agosto/2018

SUMÁRIO

- 7 | Apresentação
Efeitos e retornos do Homem dos Lobos
Débora Zaffari Lora
Sander Machado da Silva
- 21 | Os desafios de uma apresentação de caso (a propósito do Homem dos lobos)
Roland Chemama
- 67 | Tempos e reencontros do Homem dos Lobos
Daniel Delouya
- 89 | Serguei Constantinovitch Pankejeff: uma *estranha memória* sem lembrança do Homem dos Lobos
Ignácio A. Paim Filho
- 113 | Homem dos Lobos: a sedução indaga o tempo
Bárbara de Souza Conte
- 127 | Cenas do masoquismo no Homem dos Lobos
Sander Machado da Silva

- 153 | O Homem dos Lobos como enigma diagnóstico
Christian Ingo Lenz Dunker
Roberto Lopes Mendonça
- 185 | O Homem dos Lobos e o *fuero* do espelho
Débora Zaffari Lora
- 207 | O Homem dos Lobos – O homem que vence
o tempo (estórias e história do Homem dos Lobos)
L A Francischelli
- 221 | Considerações sobre *O vocabulário do Homem*
dos Lobos – uma criptonimia
Jaime A. Betts
- 247 | De como o Homem dos Lobos botou o dedo
na ferida de Freud: Alucinação, perlaboração
e construções em análise
Lizana Dallazen
Daniel Kupermann
- 267 | Homenino dos lobos
Juarez Guedes Cruz
- 281 | Sobre os autores

Apresentação

EFEITOS E RETORNOS DO HOMEM DOS LOBOS

Débora Zaffari Lora

Sander Machado da Silva

Uma simultânea de xadrez

Por que, um século depois, retornar a este historial de Freud?

Para além da devida homenagem ao centenário deste caso paradigmático, tal retorno trata-se de uma investigação dos fundamentos da própria psicanálise. Questão, portanto, interminável e, por isso, sempre atual. Freud (1918) chegou até mesmo a dizer em seu texto que, para merecer o nome de psicanálise, o processo deveria atingir as camadas mais profundas da pré-história da sexualidade infantil que foram penetradas na *História de uma neurose infantil*. Além disso, declarou que praticamente todos os resultados e problemas da psicanálise poderiam ser discutidos por meio de um caso como este.

Nesse sentido, o caso do Homem dos Lobos é como uma simultânea de xadrez: enlaça a *Traumdeutung* com a *Sexualtheorie* em uma narrativa clínica, levanta polêmicas nos registros da técnica e da psicopatologia, discute o método de investigação em psicanálise e esboça até mesmo uma epistemologia psicanalítica em certas passagens. Com efeito, articula-se com uma série de outros escritos freudianos, seja abertamente ou nas suas entrelinhas.

O célebre sonho com os lobos, por exemplo, foi publicado originalmente em um breve artigo chamado *Sonhos com material de contos de fadas* (1913). Em seguida, o texto *Fausse reconnaissance no tratamento psicanalítico* (1914) traz outro episódio da análise do Homem dos Lobos. No ensaio metapsicológico *O inconsciente* (1915) já encontramos o clássico exemplo da fobia infantil dos lobos como substituto paterno. Tudo isso antes mesmo da publicação do caso em 1918.

O sintoma da fobia dos lobos é retomado detalhadamente em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), e o desfecho polêmico da análise retorna em seu conjunto em *Análise terminável e interminável* (1937). Outros escritos que possuem ligações menos explícitas, mas não menos importantes com o caso do Homem dos Lobos, seriam os artigos: *O estranho* (1919), *Uma criança é espancada* (1919), *O fetichismo* (1927), *Construções em análise* (1937) e *A cisão do Eu nos processos de defesa* (1938).

Recordemos que a primeira análise com Freud ocorreu entre 1910 e 1914. No período que se segue imediatamente, Freud escreve uma série de artigos que constituiriam um livro sobre metapsicologia, *Zur Vorberentung einer Metapsychologie*. Esse projeto jamais foi concluído. Imerso em controvérsias metapsicológicas e políticas, após publicar *À guisa de introdução ao narcisismo* (1914), Freud publicou a análise do Homem dos Lobos somente em 1918. Nesse escrito, porém, a problemática dos investimentos e direcionamentos da libido retorna de maneira perturbadora. Percebe-se que os fenômenos de compulsão à repetição e o masoquismo atravessam o caso. É nesse entrecruzamento que o terreno para a conhecida virada de 1920 foi sendo desenhando.

Presenciamos, ainda, o resgate e a perlaboração da noção de *Nachträglich* (tanto no quadro da teoria do trauma quanto

da sexualidade infantil). A propósito do qual o Homem dos Lobos retornará nos escritos de diversos analistas. Não obstante, o conceito de construções em análise está imbricado na discussão acerca do que é e do que não é real da cena originária e seus efeitos adiados. Aliás, é em torno dessa discussão que se desdobra também a controvérsia sobre as fantasias originárias e os esquemas filogenéticos.

Em razão de tudo isso, é um dos textos mais revisitados e polêmicos na literatura psicanalítica e, muitas vezes, referido como principal caso da história da psicanálise. De fato, foi a análise publicada por Freud em maior extensão e profundidade, sendo discutida até o fim de sua obra.

Após a análise e reanálise com Freud, ao longo das décadas seguintes, o russo Serguei Constantinovitch Pankejeff realizou vários outros tratamentos, psicanalíticos ou de caráter distinto, concedeu séries de entrevistas e esteve em contato permanente com o movimento psicanalítico de diversas formas. Derivaram daí muitas publicações e numerosas reinterpretações do caso, constituindo uma espécie de arquivo do Homem dos Lobos.

Com efeito, reconstruir o célebre caso do Homem dos Lobos na data do centenário de sua publicação é um interessante desafio. Isso não só pelo excedente de escritos em torno do caso, mas, necessariamente, por sua complexidade e imbricação na letra freudiana. Nesse sentido, o texto de Freud pode ser trabalhado utilizando-se ou não as releituras posteriores e os bastidores do caso.

Em última instância, como ou por quais caminhos realizar tal operação de retorno ao caso do Homem dos Lobos? Ou ainda, nas palavras de Roland Chemama em seu capítulo neste livro: “*o que demandamos ao fazer isso para atualidade da psicanálise?*”.

Em torno dessa problemática, Caon (2000) comenta que entraria em cena uma galeria de retratos. Por essa via, desenha três possíveis pontos de vista na construção desse caso: a leitura metapsicológica dos históricos clínicos de Freud (1918) e Ruth Mack Brunswick (1926), dos quais se derivou a nomeação de Homem dos Lobos; o autorretrato elaborado pelo próprio Serguei Pankejeff¹ (nos ensaios que escreveu); e, por fim, a leitura desse autorretrato através do olhar de Muriel Gardner²(1983) e Karin Obholzer³ (1993). Acrescentaríamos aí um quarto ponto de vista: o nosso, ou seja, dos diversos analistas posteriores que retornam aos três pontos de vista anteriores. Essas idas e vindas no tempo em diferentes perspectivas lembram, perturbadoramente, o próprio *Nachträglich* que atravessa o texto freudiano.

Enfim, não foram poucos aqueles que se engajaram nessa aventura por diferentes trilhas. Vale dizer, quase se desculpando pelo comentário jocoso, que o próprio drama de ver, de olhar de perto essa cena originária, se reproduz nesse emaranhado de escritos sobre tal cena reconstruída do sonho de angústia do menino Serguei com os lobos.

Lacan, antes de seu conhecido Seminário, teria realizado seminários preliminares dos casos clínicos de Freud, incluindo o Homem dos Lobos. O acesso que temos de tal material se dá por meio de notas escritas por aqueles que estavam presentes nessa ocasião. Em seguida, já no *Seminário 1*, encontramos uma série de interessantes comentários acerca do caso, em especial, no que

¹ Serguei Pankejeff de fato era pintor e realizava alguns autorretratos.

² Compilação com textos autobiográficos de Serguei Pankejeff (os “autorretratos”), os casos de Freud e Brunswick, e ensaios da organizadora, Muriel Gardner.

³ Livro de entrevistas da jornalista alemã.

se refere à noção de *Verwerfung*. Na verdade, veremos outros retornos do caso ao longo do percurso de Lacan.

O Homem dos Lobos retornou na pena de diversos outros analistas reconhecidos. Além dos escritos já citados, destacamos as pesquisas realizadas nos livros *Le verbier de l'homme aux loups*, de Abraham e Torok (1976), e *Gritos do Homem dos Lobos*, de Mahony (1984). Outros trabalhos interessantes foram propostos por Leclair (1996-98); Laplanche (1988); Rassial (1998); Rousillon (2012) e Quinet (2006).

Fotografias e estatuetas

Na escrita clínica, Freud opera um deslocamento fundamental em sua construção do caso e, como indica o título, centra-se na neurose infantil de Serguei. Nesse contexto, suas hipóteses são de, primeiramente, uma histeria de angústia na forma de uma fobia animal e, depois, de uma neurose obsessiva de conteúdo religioso. Contudo, no final do historial clínico, Freud situa como primeira aparição neurótica um distúrbio no apetite e, ao longo do texto, menciona as “crises de depressão” ocorridas desde a infância.

Gay (1988) conta-nos que Freud escreveu à Ferenczi acerca de seu analisando: “na primeira sessão me confessou as seguintes transferências: [que eu era um] vigarista judeu, [que] ele gostaria de me usar por trás e cagar na minha cabeça”. Nota-se já aí uma supercondensação de conteúdos centrais para o curso da análise.

É possível inferir que a expressão “vigarista judeu” se refere à problemática do dinheiro, especialmente no contexto familiar

de divisão da herança paterna. Não só ao longo dessa análise, mas da relação de Serguei com o próprio movimento psicanalítico, o dinheiro será uma questão persistente e polêmica, pois o Homem dos Lobos receberá uma coleta anual de Freud e seus discípulos durante alguns anos.

Por sua vez, a fantasia de “usar por trás” remete-nos ao “*coitus a tergo*” da cena originária, que Freud interpreta do sonho dos lobos. Essa se associa tanto à problemática da corrente libidinal homossexual quanto aos sintomas histéricos e obsessivos, em especial, a fobia dos lobos.

Em função da intensidade que se pode visualizar nessa situação transferencial prematura, Chesseguet-Smirgel (1991) aponta um índice de psicose. Sabemos que em 1926, quando de sua análise com Brunswick, o Homem dos Lobos foi entendido em um estado de paranoia hipocondríaca. Já Green (1988) o situa como um caso fronteiro, e até mesmo Lacan (1962-63), de maneira obscura, chega a utilizar a expressão *borderline*.

De fato, tal problemática acerca da estrutura clínica do Homem dos Lobos será reinterpretada ao infinito (Roudinesco, 2016). Vejamos a impressionante extensão disso: fobia dos lobos (histeria de angústia), neurose obsessiva, histeria, hipocondria, paranoia, melancolia, traços fetichistas, etc. Não esqueçamos, contudo, que é a fobia dos lobos que fornece a alcunha do caso e quem sabe do próprio sujeito.

Essa polêmica concorre em extensão dos debates, lado a lado, com a construção da cena originária, isto é, sua precisão ou forçosa invenção. Nota-se que, já nos “*Três ensaios*” (1905), Freud postula que, aos olhos da criança, o ato genital do casal parental é visto como sádico. Mais do que isso, uma visão *sado-*

masoquista pode ser inferida dessa situação. Daí se pode extrair diversos desdobramentos interessantes.

No Homem dos Lobos, entre outras coisas, a identificação com a mãe na posição tida como masoquista, porém, com uma expressão de satisfação no rosto, nutrirá a vertente incestuosa e masoquista com o pai. Por sua vez, a sedução operada pela irmã, que toca no pênis do menino aos seus três anos e meio, o colocará de novo em uma condição de passividade e excitação.

Em contrapartida, na identificação com o pai e na corrente incestuosa com a mãe, o Homem dos Lobos somente obterá prazer, no futuro, com mulheres de nádegas fartas e que ocupem a posição atribuída à mãe na cena originária. Além disso, essa corrente do Édipo positivo irá se deparar também com a ameaça de castração proferida por sua Nãnia ao vê-lo se masturbar (“ferida no lugar do pênis”) e depois na cena com Grusha (criada que é vista limpando o chão “de quatro”). Essa trama converge na incidência da regressão anal-sádica que culminará na fase de neurose obsessiva. Não obstante, associa-se também com os traços perversos de desonestidade que Ruth Brunswick (1928) observará, com certo espanto já que contradizem a percepção de Freud enquanto analista de Sergei.

Precisamente em relação ao complexo de castração, Freud assinala a existência de três correntes: em uma, haveria o reconhecimento da castração; noutra, se manteriam as possibilidades de sua percepção e recusa ao mesmo tempo; e, por fim, uma terceira e mais arcaica vertente em que a castração nem sequer seria levada em conta (*Verwerfung*). É justamente deste último ponto que Lacan derivará seu conceito de *forclusão*.

Nessa passagem, assim como em outras ao longo do texto freudiano, nota-se um emaranhado de posições subjetivas diante

da castração. Além da marcação da diferença entre a *Verwerfung* e *Verdrangung*, a noção de *Verleugnung* também é tangenciada.

A cena construída a partir do sonho, enquanto originária da triangulação edípica, se desdobra também em diversos arranjos identificatórios acima mencionados. Em razão de tudo isso, Freud comenta que seu analisando jamais abandonava qualquer posição libidinal por completo. Daí o analista propõe a impressionante analogia:

[...] se tinha, de sua vida anímica, uma impressão igual à da velha religião egípcia, que nos é tão inconcebível por conservar os estágios do desenvolvimento junto aos produtos finais, prosseguir com os deuses e atributos divinos mais antigos ao lado dos mais novos, estender numa superfície o que em outros desenvolvimentos se torna uma figura em profundidade (1918, p. 157).

Além dessa imagem freudiana, Roudinesco (2016) traz a referência de outra imagem surpreendente em torno do caso. Nos *Sigmund Freud Archives*, se poderia encontrar uma fotografia de Serguei, ainda criança, numa cena de família, ao redor de uma profusão de lobos mortos em uma caçada. De todo modo, teremos de aguardar a abertura pública de tais arquivos, dentre outros, como as mais de 130 horas de entrevistas gravadas por Kurt Eissler com Serguei Pankejeff.

Enfim, o momento congelado que constitui a cena de uma fotografia faz lembrar a própria cena originária e seus efeitos adiados, isto é, os restos e retornos dessa imagem. Nesse sentido, é interessante que Freud solicita um presente para seu analisando com o objetivo de liquidar os restos transferenciais persistentes e recebe, justamente, uma grande estatueta egípcia.